

O PROFESSOR PDE E OS DESAFIOS  
DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE

2010

VOLUME I

# COLÔNIA CECÍLIA – Uma Experiência Anarquista no Paraná

*Autor: Claudemir Romancini <sup>1</sup>*

*Orientador: Reginaldo Benedito Dias <sup>2</sup>*

Imagine uma pessoa que ao nascer, teve as pernas amarradas. Quando crescer só vai conseguir andar pulando, não sabe desamarrar as pernas. Imagine, e isso sempre acontece, que vai aparecer um doutor com uma bela teoria de que se ele desamarrar as pernas, ele cairá, poderá até morrer. Se alguém tentar ajudá-lo não vai deixar, vai ficar inimigo de quem tentar libertá-lo... não é? Èrrico Malatesta

## RESUMO

Este artigo tem como objeto apresentar o trabalho desenvolvido com alunos/as do terceiro ano do Ensino Médio, no Colégio Estadual do Jardim Panorama - Sarandi, sobre a Colônia Cecília – uma experiência anarquista no Paraná, em cumprimento das atividades do PDE – Programa de Desenvolvimento Educacional SEED-PR - Turma 2010.

A partir do século XIX, através de iniciativas privadas ou do governo imperial, foram desenvolvidas políticas de imigração, atraindo para o Brasil grande fluxo de europeus e um dos objetivos destas políticas era a ocupação territorial nas regiões de baixa densidade demográfica, em especial as do sul. Com a emancipação política do Paraná em meados do século XIX, as políticas de imigração também passam a ser reforçadas pelo governo da Província, atraindo para cá poloneses, alemães e italianos. Neste contexto que foram desenvolvidos os trabalhos, resgatando a trajetória de um grupo de imigrantes que tinham a aspiração de desenvolver uma colônia de experiência anarquista, um espaço de liberdade e inexistência de qualquer forma de poder, sejam de governo, familiar ou religioso. Foi uma experiência de curta duração, de 1990 a 1994, porém, seu estudo se faz de grande importância, tanto por causa do diferencial ideológico deste grupo de imigrantes, como também pela marcas que deixaram, contribuindo para os primeiros

---

<sup>1</sup> Especialização em Ensino de História, Graduado em História pela UEM e trabalha no Colégio Estadual do Jardim Panoramana – Sarandi – Pr

<sup>2</sup> Professor Doutor da Universidade Estadual de Maringá – Departamento de História

passos dos movimentos sociais no Paraná e no Brasil.

Palavras-chave: imigração; anarquismo; colonização; movimentos sociais

## **ABSTRACT**

This article is about presenting the work with students / those of the third year of high school in the Garden State School Panorama - Sarandi on the Colonia Cecilia - an experiment in anarchist Paraná, in fulfillment of the activities of PDE - Program Development educational SEED-PR, 2010 class.

From the nineteenth century, through private initiatives or the imperial government, were developing policies on immigration to Brazil attracting large influx of Europeans and one of the objectives of these policies was the territorial occupation in regions of low population density, especially the south. With the political emancipation of Paraná in the mid-nineteenth century, immigration policies are also being strengthened by the government of the province, attracting over here Poles, Germans and Italians. In this context the works that have been developed, rescuing the trajectory of a group of immigrants who had the aspiration to develop an anarchist colony of experience, an area of freedom and lack of any form of power, whether of government or religious family. The experience was short-lived, from 1990 to 1994, however, their study becomes very important, both because of ideological difference of this group of immigrants, as well as marks left by contributing to the first steps of social movements in Paraná and Brazil.

Keywords: immigration; anarchism; colonies; social movements.

## INTRODUÇÃO

O século XIX no Brasil é marcado por grandes transformações políticas, econômicas e sociais. Fim do Império e estabelecimento da República, mudança de regime, mas permanecendo os mesmos mandatários do poder. Paralelamente o processo da substituição da mão de obra escrava para o trabalho livre (livre?), impulsionando um grande movimento migratório da Europa para o Brasil, que pode ser dividido em dois períodos distintos: inicialmente financiados pelo setor privado, fazendeiros do oeste paulista, buscando suprir a falta de mão de obra muito encarecida devido às pressões pelo fim da escravidão. Num segundo momento, pós 1885, fazendeiros do oeste paulista se consolidam junto ao poder imperial, passando a estabelecer políticas imigratórias subvencionadas pelo governo.

Além da questão da substituição da mão escrava, as políticas imigratórias, apontavam para dois outros objetos: o “branqueamento” da população como sinal de desenvolvimento e ocupação territorial das áreas de baixa densidade demográfica, no caso, os estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, fato é que de uma forma ou outra contribuíram para constituição de nossa base econômica, política, social e cultural.

As péssimas condições de vida a que estavam submetidos os trabalhadores em fins do século XIX e a ilusão de novas condições de vida através da aquisição de terras com facilidades nas Américas, não foi difícil garantir um enorme fluxo migratório da Europa para o Brasil, dados apontam que somente no ano de 1890, o ano que nos interessa neste trabalho, mais de 38 mil imigrantes veio da Europa para o Brasil, dos quais mais de 20 mil eram italianos em busca do sonho de se tornarem “patrões” latifundiários, com exceção de meia dúzia de pessoas que vieram por uma utopia, um imaginário coletivo de construir uma nova forma de vida em comunidade, um desejo consciente de mudança.

Neste contexto, que o presente artigo, resgata a trajetória de um grupo de imigrantes que tinham como expectativas mais do que fugir das péssimas condições de vida que viviam em seus países de origem, mas a aspiração de desenvolver uma colônia de experiência anarquista, um espaço de liberdade e inexistência de qualquer forma de poder, seja de governo, familiar ou religioso, buscavam um ideal, uma esperança de transformação social para preparar um novo mundo, vivenciando

a possibilidade de pensar em novas formas de organização da vida em sociedade, além do consumismo e individualismo e acumulação de riquezas da sociedade capitalista.

A experiência foi de curta duração, de 1990 a 1994, apresentando períodos de altas e baixas, onde as necessidades se sobrepuseram sobre a liberdade, provocando o fim da experiência, como afirma Giovanni Rossi:

O nosso mundo anarquista era pequeno demais e pobre para nos conceder o pão, a garrafa de vinho, o lugar no teatro, a cama macia e a companhia, porém, pode nos oferecer elementos de reflexão contribuindo na compreensão de que a superação dos problemas sociais vividos não é possível em uma sociedade dividida em classes sociais e concentradora de riquezas e ainda que, a manutenção da propriedade privada e de uma sociedade mercantilizada são fatores determinantes para a degeneração social que vivemos. apud MELLO NETO, 1996, pag. 235

A importância de trabalhar a experiência da Colônia Cecília com educandos/as do ensino médio está na possibilidade de despertar a utopia, no sentido de construir a positividade do desejo do novo, no que se refere à propriedade privada, trabalho, família e relações afetivas. Rompendo com a idéia de que o lugar que nos encontramos é o único possível. Utopia neste caso, não se refere a sonhos, desejos pequenos que estão presentes em nosso cotidiano, que resumem em mercadorias encontráveis, mas nem sempre acessíveis para ampla maioria da população, mas sim, a perspectiva de romper com problemas vividos pela maioria da população que vive na periferia da sociedade: a miséria, pobreza, violência, prostituição, discriminação de todas as formas, resultado da inacessibilidade aos desejos presentes na vida de cada um/a. Neste sentido, a primeira atividade foi à exploração do termo a partir do seguinte texto:

*A cidade ideal, uma das formas assumida pelo discurso utópico, seja ela uma ilha ou um país imaginário, é clara e transparente. Sua vida é descrita detalhadamente, seu cotidiano revela todas as dimensões possíveis de sua existência. Ela é clara porque não deixa dúvida quanto ao tipo de sociedade de quem a construiu: é uma sociedade nova, o que implica pressupor uma ruptura radical com aquela existente, uma recusa sistemática a qualquer*

*continuidade no que se refere ao sistema de valores, às suas instituições, aos seus ritos e símbolos, às suas relações de dominação e propriedade. É fundamental este aspecto globalizante do que é novo, esta história que começa do zero e na qual está embutida uma idéia de felicidade coletiva, cujos valores transcendem o presente. Neste sentido, afirmamos com M. Buber que a utopia é uma forma de rebelião contra a solidão, seja ela individual, seja coletiva: a busca de felicidade, parte fundamental do universo do discurso utópico, se realiza na solidariedade e na cooperação que ela expressa. Ainda, sob esta ótica, a utopia, longe de ser exterior à realidade é parte integrante desta e para ela fundamental. A necessidade de superar a realidade social para o utopista se satisfaz na evasão, ao projetar seu desejo, seu sonho... É assim que o impossível torna-se possível. MUELLER, 1999, p.*

17

Não podemos esquecer que cada um/a de nós somos agentes de nossa história e o despertar da utopia na rebeldia da adolescência é apontar uma direção, não significando seguir da mesma maneira e qual seja a maneira. Não cabe ao historiador/a calcular o quanto de possível existe na superação de uma realidade, mas questionar como, de que maneira as realidades de certo presente podem ser alterados, como citado acima, “é assim que o impossível torna-se possível”.

## **MAS QUEM FOI GIOVANI ROSSI?**

Sem a intenção de trabalhar com a idéia de “heroísmo” foi de grande importância o histórico político e militante de Giovanni Rossi, idealizador da proposta de uma comunidade de caráter anarquista, que resultou na organização da Colônia Cecília. Nasceu em 1856 em Pisa-Itália, formado em 1875, sendo agrônomo e veterinário. Não seguindo carreira em sua área, se dedicou à busca de um modelo social mais igualitário, que garantisse à classe trabalhadora a libertação dos mandos e exploração dos patrões e de governos.

Ainda estudante, em 1873, inscreveu-se na Primeira Internacional dos Trabalhadores, apresentando um projeto para fundação de uma colônia comunitária na Polinésia, defendia que não bastavam apresentar idéias libertárias como as

melhores para a construção de uma sociedade justa e igualitária, era necessário organizar, experimentar e comprovar a possibilidade de uma vida anarquista, independente do mundo real que a cercava. Comprovado esta possibilidade, multiplicaria esta vivência e conquistando pessoas adeptas, poderia transformar o mundo em um mundo anarquista.

Rossi expressa suas idéias no livro “Um Comune Socialista”, que consistia em um romance utópico, passado em um país imaginário, Poggio al Mare, no qual a principal personagem feminina se chamava Cecília e a masculina, Cardias que, através de cartas, trocavam idéias sobre experimentalismo em colônias anarquistas, sendo este o principal elemento de propaganda de seu projeto, que deveriam seguir minimamente os seguintes princípios: anarquia nas relações sociais; amor e nada mais na relação conjugal; propriedade coletiva e distribuição das riquezas produzidas; negação de Deus nas religiões. Sobre este romance, Carvalho (2010, p 46) comenta em sua monografia de conclusão de curso em História que é dividido em duas partes, uma dedicada à crítica da sociedade burguesa do século XIX, a outra ao esboço de um natural espontâneo organismo social, no qual a força dos indivíduos converge em um bem comum: o bem estar do indivíduo no bem estar da comunidade.

Outra questão importante para o trabalho, é que Rossi primeiramente busca desmistificar o termo anarquia, definindo que seja o fim da hierarquia na organização do estado que dita leis para o conjunto da população de “cima para baixo”. Seria o fim de toda forma de autoridade e o renascimento das vontades individuais se manifestando plenamente na coletividade, assim descrito:

*Anarquia e desordem, hierarquia e ordem são escritos de vossos dicionários de sinônimos, Nós, porém distinguimos a ordem natural da ordem superficial. As vossas ordens de cadeia, nas quais uma infinidade de hierarquias pressiona com terrível peso a coletividade, modelando seu espaço, com os meios gigantescos que possui o pensamento, o sentimento, os costumes, o caráter, opondo-se com a força da autoridade religiosa, política, econômica, judiciária, militar, científica, artística ao desenvolvimento livre e integral da individualidade [...] a vossa ordem parece-nos um monte de grillhões que envolvem um cadáver em plena decomposição; parece nos e realmente é,*

*uma tremenda desordem na ordem natural. ROSSI apud MELLO NETO, 1996, p. 25*

Rossi define ainda, anarquia como sendo a expressão da verdadeira liberdade, onde as vontades individuais estejam harmonizadas com as necessidades comuns da coletividade:

*E o que é a anarquia senão a verdadeira liberdade, a liberdade plena, completa, a quinta essência da liberdade? Conservem portanto, oh! burgueses, seu sacro horror pela anarquia, porque esta significa o fim de seu poder, mas não o façam sinônimo de desordem; retirem a acusação injustificável de que nós sacrificamos a individualidade humana ao estado; enquanto a este queremos completamente livre e associada anarquicamente. ROSSI apud MUELLER, 1999, p. 157.*

Quanto à propriedade privada, Giovanni Rossi se contrapõe a ela, afirmando que a mesma na realidade se constitui um roubo de quem realmente trabalha:

*A propriedade, dizem os burgueses, é fruto do trabalho: pois bem, mas não do trabalho dos proprietários e sim dos proletários. As origens da propriedade afirmam os burgueses ser pura, mas a história nos mostra ser ela fruto do roubo e do engano. Rossi apud MUELLER, 1999, p. 158*

Enfim, considera a propriedade coletiva como a única forma capaz de proporcionar a justiça social e que qualquer pessoa tem o direito de consumir proporcionalmente às suas necessidades e proporcionalmente ao seu trabalho. Sem propriedade privada e exploração do trabalho assalariado também não há miséria. Sem a noção de posse, desaparece a cobiça, fazendo com que o roubo perca o sentido. Por que roubar e a quem roubar, se acumular torna-se desnecessário?

Outra questão de grande importância para Rossi é desvendar a relação familiar como sendo o primeiro núcleo social, aliás, uma das questões que mais provoca debate. Se a autoridade é prejudicial no que se refere ao Estado, esta também é no que se refere à estrutura familiar patriarcal, seja exercida pelo homem



sobre a mulher ou exercida sobre filhos e filhas. Defende a liberdade do amor, da espontaneidade e do exclusivismo do amor como fator principal na constituição e continuidade da aliança conjugal.

*Eis, senhores burgueses, o cavalo de batalha das vossas calúnias. Aos socialistas gritam atônitos, querem destruir a família, querem a comunidade das mulheres, querem o amor animalesco [...] Seria muito desejável uma estatística exata das razões que induzem os nossos jovens a unirem-se com o santo vínculo do matrimônio. Mas somos generosos, concedamos mesmo que um terço dos casamentos aconteça por puro amor; os outros dois terços por compromisso, interesses e libidinagem, porque assim querem os genitores, etc. Estes dois terços de qualquer forma representam casos de pura prostituição, que tal pode se dizer à união dos sexos sem amor. ROSSI apud MELLO NETO, 1996, p. 26*

Ainda,

*É na monarquia da família que a mão do covarde espanca a face da mulher, que os garotos nos tristes hábitos de obediência, de simulação, com o desejo de poder um dia comandar. Foi nas trágicas contendas entre os pais, que as crianças – tomando parte do pai ou da mãe – aprendem a odiar. Foi na parcialidade, nas predileções por um ou por outro filho, que o irmãozinho aprende a inveja e o ciúme. Foi nos primeiros ensinamentos maternos que aprendem o egoísmo, a superstição, a mentira. ROSSI apud MELLO NETO, 1996, p. 205*

Em resumo, defende a plena liberdade sexual dos homens e mulheres, com maior ênfase para os direitos das mulheres, o casamento poliândrico, e que a relação conjugal deva permanecer até que o amor acabe, pois, além disto, se transforma em fingimento, traição e violência física e moral. O amor livre e puro elimina a prostituição. Os filhos/as resultantes de uma relação conjugal devem pertencer à comunidade e não formar um núcleo familiar, sob o risco de constituir um “ninho” de egoísmo. O fim da instituição familiar não tem como acontecer de forma imposta, deve ser desconstruído na consciência social, para depois cair por autodestruição.

Quanto à questão religiosa, Rossi segue o princípio de que o indivíduo deve ser guiado pela sua razão, único critério da verdade, sendo a consciência humana a base da justiça, da liberdade individual e coletiva. A razão é a única fonte criadora da ordem da humanidade, sem interferência de forças sobrenaturais. Mesmo apontando a necessidade de romper com todas as formas de poder, apontando aí a religião como poder ideológico a serviço dos interesses da burguesia, não aprofunda o tema como indica Mueller:

Para questionar a religião, ou mais precisamente, a crença em Deus, Rossi afirma que os burgueses em sua maioria são ateus, porém, indignam-se quando ouvem falar na negação de Deus, pois na realidade consideram ser necessário uma crença e uma religião para impedir delitos. Debate a religião com a ciência, mais especificamente com a ciência positiva. No entanto, ciente e atento à liberdade como um todo, não pretende impor essa questão, mas propor sua reflexão.

## **AGORA, CONHECENDO A EXPERIÊNCIA COLÔNIA CECÍLIA**

Pelos planos de Giovanni Rossi, seu projeto de comunidade deveria ser colocado em prática na Itália, depois apresentou para a Polinésia, não estava nos planos partir para as Américas. Viveu uma primeira experiência na Lombardia, quando um membro do parlamento italiano, Giuseppe Mori, também grande proprietário de terras, que sustentava planos de transformar sua fazenda em uma cooperativa de camponeses, tomou conhecimento do projeto de Rossi, convidando-o para colocar em prática tal idéia.

Apesar de o Projeto de Rossi ter como objetivo a colônia socialista experimental, integrada com anarquistas socialistas convictos, aceitou a proposta na expectativa de que, com um grupo de trabalhadores em regime de cooperação, seriam mais facilmente doutrinados para aceitação dos princípios anarco-socialista, podendo assim atingir seu grande objetivo. Rossi participou desta experiência de outubro de 1887 a outubro de 1890, se afastando com a seguinte avaliação apresentada por Mello Neto

*Apesar do progresso visível na produção, com boa repercussão no nível de vida dos colonos cooperados, era clara a frustração de Rossi e dos socialistas. Cittadella comprovava os benefícios do coletivismo nas relações de trabalho, mas não servia como exemplo de vida socialista. Já em janeiro de 1889, Rossi escrevia em Jornal de Cremona: “em geral as pessoas são saudáveis, inteligentes e boas. Elas possuem ainda aquela média de egoísmo mesquinho que encontramos em toda parte na nossa geração. Socializaram o trabalho – o que já é muito – mas não quiseram ainda socializar os interesses e a convivência. MELLO NETO, 1999, p. 84*

Frustrada e experiência de Cittadella, Giovanni Rossi decide ir para a América do Norte para se integrar em duas experiências em andamento, Kaweach na Califórnia ou Sinaloa no México, resolvendo então, optar pela proposta de outros socialistas-anarquistas, em especial Achille Dondelli, de fundarem uma colônia na América do Sul, a princípio no Uruguai.

No dia 18 de março de 1890, o navio *Cittá de Roma* chega ao Rio de Janeiro e Rossi e o grupo composto por Evangelista Benedetti, Diacomio Zanetti, Cattina e Achille Dondelli, são abrigados na hospedaria dos imigrantes da Ilha das Flores, uma espécie de “entroncamento”, de onde eram redirecionados os imigrantes conforme sua escolha. Uma semana depois, partem em direção ao Rio Grande do Sul e por motivos de “mal de mar” de alguns do grupo e para poupar sofrimento de viagem, resolvem desembarcar em Paranaguá e procurar algum lugar que pudessem dar início ao projeto da colônia. Em Curitiba, procuram o escritório da Inspeção de Terra e Colonização, solicitando concessão de lotes de terras e são encaminhados ao Município de Palmeira, no núcleo colonial Santa Bárbara. Definido os detalhes da concessão, Rossi e Benedetti se dirigem para o local indicado para reconhecimento da região e caminho para os demais.

No livro “Colônia Cecília e outras utopias”, Giovanni Rossi faz uma descrição detalhada do Paraná em fins do século XIX, as cidades de Paranaguá, Curitiba, região de Palmeira, sobre as riquezas naturais, a potencialidade econômica e o valor das terras eram razões suficientes para se estabelecer na região.

Nos primeiros dias de Abril, Rossi e Benedetti se estabelecem em uma pequena casa de madeira abandonada, 18 quilômetros ao sul de Palmeira, onde

dão o início à Colônia Cecília e dias depois chegam os outros quatro que haviam ficado em Curitiba. A primeira tarefa do grupo foi transformar o local abandonado em condições mínimas de sobrevivência e para ampliar o número de pessoas neste núcleo, inúmeras cartas são enviadas para a Itália com o objetivo de fazer propaganda da experiência. Sem surtir resultados, em outubro de 1890 Rossi é escolhido para voltar à Itália para contar o que estava acontecendo e arrebanhar mais pessoas adeptas para se vivenciar a experiência anarquista.

A organização da Colônia teve dois períodos de distintos: o primeiro, de sua fundação até a volta de Rossi da Itália em julho de 1891, período em que a colônia atingiu seu maior número populacional, acima de 200 pessoas e, na mesma proporção, de problemas, como avalia Mello Neto: *“Sem o ideólogo, sem o doutrinador, eram esquecidos ou simplesmente afastados os princípios libertários. Alguns grupos tentavam impor e decretavam ordens; outros recusavam a exercer tarefas simples e rotineiras, porém essenciais”*. MELLO NETO, 1999, p. 153)

É um período de maior miserabilidade, faltam alimentos, pessoas que se amontoam em barracos. Muitos integrantes são obrigados a trabalhar nas construções de estrada do governo para poder comprar “fiado” de comerciantes de Palmeira, soma-se a isto a incapacidade administrativa de alguns que se impuseram sobre os demais, e desinteresse de boa parte das pessoas. Sobre este período, Giovanni Rossi, mesmo afastado da Colônia, mas bem informado, faz a seguinte avaliação:

*Apesar disso, essa gente, enfraquecida pela falta de alimentação, mas livre de patrões e policiais, trabalha o pouco que sabia, exprimindo sim seu descontentamento, mas sem cometer nenhum ato de violência. Frequentemente, de estômago vazio, os jovens se apoiavam na enxada e olhavam a grande bandeira vermelha e preta, içada sobre uma alta palmeira, ao flutuar ao vento e diziam: de um pouco de polenta e um pouco de ideal vive-se ao mesmo tempo afirma que: quanto à organização neste período prevaleceu um sistema grotesco de referendos, obrigando as pessoas a perderem muito tempo em assembléias ociosas, ambições mal dissimuladas e mexericos ridículos. Elegiam-se comissões, votavam-se regulamentos, discutiam-se até o embrutecimento. A Colônia, naquele tempo, por não ter consciência anarquista que podia salvá-la, estava destinada a morrer (ROSSI, 2000, p. 67)*

O segundo período, que vai da volta de Rossi da Itália até findar a experiência em 1994. Neste novo período, a população se manteve em torno de 50 a 60 pessoas, porém, nem sempre o mesmo grupo. Quanto às questões materiais, sejam alimentos, vestuários, mobiliários, etc. eram bastante deficitários, pois tudo tinha que ser criado com o trabalho imediato, sem existir usufruto de produção/trabalho acumulado por gerações anteriores e, devido a esta situação, o trabalho era exaustivo, não podendo pensar em obter supérfluos, sem garantir o básico necessário a todos, retratado na citação seguinte:

*Fica evidente que a produção na Cecília não teve outro estímulo a não ser o desejo de alcançar um bem estar coletivo. A atividade produtiva foi desenvolvida, apesar e contra os egoísmos mesquinhos e, especialmente, contra o egoísmo doméstico que quer que toda utilidade conflua para dentro da família, afastando dela qualquer justa parcela de sacrifícios e privações. E, no entanto, sem o auxílio de modernos instrumentos de produção, sem outro estímulo a não ser o bom senso e apesar da incapacidade geral foram efetuados trabalhos de todas as espécies. (ROSSI, 2000, p. 83)*

No aspecto organizacional, neste novo período não foi estabelecido nenhum regulamento, nem delegação de poderes ou mesmo norma de vida ou de trabalho. O trabalho era realizado conforme a aptidão e ritmo de cada pessoa, fazendo valer neste caso, o compromisso individual com o do bem fazer e do bem estar coletivo, afinal, a terra tinha o caráter coletivo, enquanto a produção era distribuída a todas as pessoas de forma igualitária, o que tinha de fatura sem controle, ao passo que o que era produzido em menor quantidade era controlado. Cabe destacar que a maioria das refeições, especialmente o café da manhã e o almoço, eram realizados coletivamente e preparados pelas mulheres que, por sinal, a minoria dentro da Colônia.

Apesar dos sinais de avanço no projeto de Rossi, muitos vícios burgueses permaneciam no comportamento das pessoas, tais como: rivalidades, ressentimentos, invejas e a organização familiar permanecia nos mesmos moldes, expressa pelo egoísmo doméstico que diante das dificuldades procuravam

armazenar mais alimentos para si, primeiro a família, depois a coletividade. Assim avaliado por Rossi:

*A nossa vida moral não é um mar de rosas, e isso se entende. Saímos ontem da vida burguesa, na qual para ficar de pé era necessário usar atitudes mais anti-sociais: o egocentrismo, a violência, a simulação, a avareza e todos os pecados que proporcionam o paraíso neste mundo e, segundo alguns, o inferno no outro. Essas qualidades, transmitidas por nossos antepassados ao nos dar à luz e ao nos educar, e desenvolvidas ativamente na luta pela existência, não podiam ser abandonadas nas fronteiras da Cecília como se fosse trapo sujo. Para nos liberarmos dos parasitas, um pente e água fervente são o bastante, mas contra os preconceitos e as deformações morais não há outro remédio senão a ação lenta e contínua de um ambiente social moralmente sadio. (ROSSI, 2000, P. 77)*

No final de 1892, a tentação da propriedade particular estava por superada, o caixa de dinheiro permanecia comum, apesar de ter acontecido um roubo grave anteriormente, o trabalho individual ou coletivo tinha como objetivo atender o bem comunitário e o esforço para manter afastada qualquer infiltração autoritária, seja de qualquer forma de governo, civil, religiosa ou militar. Apesar de os solteiros viverem em um barracão coletivo, permanecia a estrutura familiar que, segundo Rossi, a maior estrutura de poder, fonte do egoísmo, focos e rivalidades. Porém, com avanços em alguns aspectos sociais e permanência em outros, mantinham forte a insistência para garantir os princípios anarco-socialista.

Após três anos, faltava para completar a experiência anarco-socialista, o amor livre que, segundo entendimento de Rossi, seria a forma de romper com a tradição da família burguesa, principal inimiga dos princípios anarco-socialista, o rompimento definitivo de laços de parentesco, heranças, egoísmo, ciúmes e a garantia de liberdade plena para homens e mulheres. Durante toda a existência da Colônia, sempre esteve em pauta o amor livre, havia resistência pela grande maioria de seus integrantes, fato que a experiência tem início somente com a chegada de um novo casal em final de 1892, Eleda e Annibale, dois socialistas certos de seus propósitos, incluindo a relação do amor livre. O propósito não era de que todas as pessoas da comunidade seguissem de imediato, mas que fosse aceito e compreendido.

*Quando, em seguida, todos viram o modo respeitoso com que tratei Eleda e que as atitudes desta não deixaram, em nenhum momento de ser afetuosa com Aníbal e eu, movido pelo objetivo comum a vida de Eleda, quando, em suma perceberam que o amor livre não é vulgaridade animalesca e sim a mais alta e agradável expressão da afetividade, dissiparam-se até as últimas hesitações. E o nosso caso, que até o momento não foi seguido por outros, acabou sendo considerado um episódio normal na vida da Colônia. ROSSI, 2000, p. 97*

Sobre esta questão, por fim, Rossi afirma que “o principal fator (que impede o avanço do amor livre) parece ser a força do hábito, que dificulta e dificultará sempre o progresso humano.

Por volta de abril de 1893 Rossi, considerando realizados os principais princípios de sua experiência, resolve deixar a Colônia, no entanto, sem a intenção de dissolvê-la. Depois de sua partida, a Colônia Cecília continuou existindo por aproximadamente um ano, a cada dia grupos de pessoas iam saindo, hoje, aquelas terras continuam em mãos de descendentes de famílias que permaneceram no local com caráter tradicional de produção e posse da terra.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No desenvolver dos trabalhos com alunos/as do terceiro ano do ensino médio, foi possível perceber a contribuição, em especial durante os debates sobre a propriedade privada, familiar e nas relações de poder concretamente vivenciados na experiência da Colônia Cecília, na percepção e compreensão da sociedade e da própria história acontecem através do conhecimento das lutas históricas, das experiências vividas e seus fundamentos ideológicos, que de uma forma ou outra podem contribuir, não no imediato, no rompimento da passividade da juventude diante dos graves problemas da classe trabalhadora, que na ampla maioria estão nas escolas públicas.

Cabe destacar, que um dos objetivos do trabalho era o de despertar a utopia no sentido de construir a positividade do desejo do novo, rompendo com a idéia de que o lugar, a sociedade que nos encontramos é a única possível. Se não for possível construir no imaginário das pessoas um desejo de superação da realidade vivida ou mesmo criar dúvidas sobre as “verdades” absolutas, que levam a crer que “vencer na vida” é o enriquecimento financeiro individual, resultado de exploração de uma classe sobre outra, como esperar o envolvimento de nossa juventude na construção de uma sociedade mais fraterna e igualitária, com absoluta valorização do ser humano e não da riqueza material.

Diante destas questões, através dos princípios norteadores da Colônia Cecília e a experiência vivida, foi possível fazer bons debates sobre a conjuntura de extremas violências vividas da atualidade, seja o desemprego, salários insuficientes para garantir uma boa qualidade de vida, abandono da saúde e educação pública, prostituição infantil, desagregação familiar, miserabilidade de todas as formas, fruto da absoluta concentração de riquezas nas mãos de uma minoria da população. A questão central para tanto, foi a concepção de “trabalho”, que pode ser considerado um estimulador das capacidades humanas ou um limitador de seu pleno desenvolvimento se exercido sem moderação e o resultado do mesmo for apropriado por quem não o exerce diretamente. Se a produção de riquezas, seja material ou intelectual é farta, o que explica a miserabilidade da maioria absoluta da população e a fartura de uma minoria?

Embora tenham acontecido os debates, não significa que a totalidade dos/as educandos/as terminou os trabalhos sabedores de sua situação no conflito de classes sociais, pois continuavam acreditando e defendendo que os governos do capital, através de algumas políticas compensatórias, as “bolsas para tudo” ou a repressão, ainda seriam soluções para os problemas sociais.

Após o trabalho com textos, leituras e debates em sala de aula, assistimos o documentário: Pão Negro – Um episódio da Colônia Cecília, produzido por Valêncio Xavier em 1993, trabalho que apresenta a história da Colônia Cecília através de encenações e entrevistas com descendentes de famílias que viveram a experiência, que além de contribuir na compreensão de como foi vivenciado a experiência, demonstrando o dia a dia da Colônia, também aponta que em muitas situações, pela não compreensão dos princípios norteadores e resquícios culturais de sociedade de exploração de uns sobre outros, uma vez que nem todos/as que se estabeleceram



na Colônia tinham histórico de luta e concepções classistas, aparecem situações de oportunismo, seja de “corpo mole” no trabalho, devido a idéias de que cada um faz o que quer, bem como o roubo do caixa comum, que contribui para a decadência da experiência.

Do documentário, o que somou de fato, foi uma citação de Errico Malatesta, encenada por um personagem na primeira cena, que transcrevo: “imagine uma pessoa que ao nascer, teve as pernas amarradas. Quando crescer só vai conseguir andar pulando, não sabe desamarrar as pernas. Imagine, e isso sempre acontece, que vai aparecer um doutor com uma bela teoria de que se ele desamarrar as pernas, ele cairá, poderá até morrer. Se alguém tentar ajudá-lo não vai deixar, vai ficar inimigo de quem tentar libertá-lo... não é?”

Digo que somou, pois apresentou uma possibilidade de esclarecer a dificuldade que se tem de que trabalhadores e trabalhadoras possam imaginar uma nova forma de organização social, um novo mundo, onde as pessoas possam viver sem nenhuma forma de exploração, discriminação, preconceito e desigualdade social. Acreditar que é possível agir através de organizações sociais populares e superar a sociedade capitalista, sociedade que é uma absoluta “propaganda” enganosa.

Além do trabalho com educandos/as, o projeto também foi objeto de um Grupo de Trabalho em Rede, com a professores/as da rede estadual. O grupo iniciou com quinze pessoas, das quais doze concluíram todas as atividades, detalhe é que boa parte do grupo era da região próxima de Palmeira, onde efetivamente se deu a experiência da Colônia Cecília, inclusive, alguns participantes relataram que ao colocar o projeto em debate com alunos/as em sala de aula, os resultados não foram muito diferentes do apresentado ao longo do Artigo.

No final, tanto nos trabalhos com educandos/as quanto no GTR, ficou a questão: se a experiência durou apenas quatro anos e foi dissipada, para onde foram todos/as? Morreram?

A contribuição da experiência Colônia Cecília não se resume na localidade, conforme relatos, muitos cecilianos permaneceram pela região trabalhando em atividades agrícolas. Algumas lideranças se deslocaram para Curitiba e Ponta Grossa, com participação ativa em movimentos sociais e na formação de jornais anarco-socialistas, bem como participação na Revolução Federalista. Outros foram para São Paulo, com participação ativa no anarco-sindicalismo, muito forte no início

do século XX, bem como na formação da primeira Central Operária do Brasil – COB em 1906. Mesmo para Porto Alegre, existem registros de que grupos cecilianos deram origem a movimento anarquista local.

Giovanni Rossi em especial, com o fim da Colônia vai para Curitiba e sem conseguir emprego, em 1896 vai para Taquari, no Rio Grande do Sul, onde se torna professor de agronomia e veterinária na Escola Superior de Agricultura. Em 1897 vai para perto de Blumenau e assume a direção da Estação Agronômica do Rio dos Cedros, posteriormente dirige a Estação Agronômica de Urussanga/SC e os últimos relatos dão conta de que retorna a Pisa em 1907. Sobre Rossi podemos fechar com uma citação de Muller, 1999:

desde 1902 os consulados italianos de Petrópolis e de Florianópolis são consultados para informar o paradeiro de Rossi, ainda tido como indivíduo perigoso. Sua ficha política no Archivio Centrale dello Stato de Roma, o tem como subversivo até 1942 quando, depois de diversas consultas para garantir que não tem mais nenhuma vinculação com o movimento anarquista, finalmente é considerado cidadão “normal. Morre em 1943, em Porto San Maurizio, Próximo a Pisa. Pag. 220.

Por fim, quero considerar que estudos como da experiência vivida na Colônia Cecília pode contribuir na melhoria da qualidade da escola pública, fazendo de nossos educandos/as, agentes de sua própria história na busca de melhores condições de vida e trabalho e da transformação social, por uma sociedade onde a miséria e toda forma de preconceito e discriminação não sejam mais do que cicatrizes na história.

## REFERÊNCIAS

FAUSTO, Boris. **Negócios e Ócios – História da Imigração**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

GATTAI, Zelia. **Anarquista Graças a Deus**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LAZZARI, Beatriz Maria. **Imigração e Ideologia**. Porto Alegre: EST/UCS, 1980

MARTINS, José de Souza. **O imaginário da imigração Italiana**. São Paulo: Fundação Pró-Memória, 2003.

MELLO NETO, Candido **O anarquismo Experimental de Giovanni Rossi** Ponta Grossa Paraná, Editora UEPG, 1996.

MUELLER, Helena Isabel. **Flores aos Rebeldes que falharam**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999.

PALLOTINI, Renata. **Colônia Cecília – Um pouco de ideal e Polenta**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2001

ROSSI, Giovanni. **Colônia Cecília e Outras Utopias**. Curitiba: Imprensa Oficial do Parna, 2000

WOODCOCK, George. **Os grandes Escritos Anarquistas**. Editora L&PM. Porto Alegre, 1981

[www.ifch.unicamp.br/ael\\_publicações/cad-8/artigo-11-p09.pdf](http://www.ifch.unicamp.br/ael_publicações/cad-8/artigo-11-p09.pdf). FELICI, Isabelle - **A verdadeira História da Colônia Cecília**. 1998.